

DIÁLOGO SUBTERRÂNEO: O PAPEL DO ESPERANTO COMO DIVULGADOR DA CULTURA POLONESA.

*Diálogo Subterráneo: el Papel del Esperanto como Divulgador de la
Cultura Polaca.*

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias PITA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Academia Brasileira de Filologia

magisterpita@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3908-5243>

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar como a língua internacional esperanto tem atuado, através de traduções de autores e obras-chave da literatura polonesa, como elemento de divulgação não só da cultura, mas também da(s) ideologia(s) dominante(s), refletindo os distintos projetos nacionais enfrentados pelo país nos últimos 130 anos.

PALAVRAS-CHAVE: Esperanto; Literatura Polonesa, Estudos de Tradução e Identidade Cultural.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es analizar como la lengua internacional esperanto viene actuado, a través de traducciones de autores y obras-clave de la literatura polaca, como elemento de divulgación no solamente de la cultura, sino también de la(s) ideología(s) dominante(s), reflejando los distintos proyectos nacionales enfrentados por el país en los últimos 130 años.

PALABRAS-CLAVE: Esperanto; Literatura Polaca, Estudios de Traducción e Identidad Cultural.

Embora suas raízes históricas possam ser rastreadas até as últimas fases da Alta Idade Média, a literatura polonesa sempre teve seu desenvolvimento delimitado por fatores externos ao fato literário, uma vez que as vicissitudes da própria trajetória histórica da Polônia foram fatores decisivos para sua literatura, pois, estabelecendo-se num território multiétnico e plurilíngue, as sempre mutantes fronteiras políticas da Polônia apenas muito tardiamente começaram a coincidir com as fronteiras linguísticas do idioma polonês.

Tal fato, analisado sob a ótica do tempo, permite-nos constatar que as fronteiras do processo literário veiculado em polonês não foram as do Estado, mas as do território habitado pela população de língua polonesa. Essa condição - que não é exclusividade polonesa, posto que observável em diversas comunidades linguísticas em diversos continentes – acarreta, por si só, diversas peculiaridades àquela literatura.

A primeira dessas peculiaridades é aquela a que chamarei, usando a terminologia da Física, de *força centrífuga*: pelo fato de viver em permanente contato, mesmo que nem sempre pacífico, com outros povos, sejam vizinhos ou, principalmente, com aqueles que, mesmo residentes dentro de seu território, possuíam outra identidade cultural; a literatura praticada em polonês tendia a ser mais voltada não só às estéticas vindas do estrangeiro, mas também a temas mais universais, produzindo obras que, transpostas para outros idiomas, são facilmente reconhecidas por seu apelo mais ao universal que ao nacional. Tal é a tônica da literatura polonesa no longo período que vai desde a cristianização do país, durante a Idade Média, até a Terceira Partilha, ocorrida em 1795: independentemente da dinastia real (Piaśt ou Jagiello), da República das Duas Nações, o que se produz é uma literatura que, apesar de as características nacionais serem sempre abordadas, caracterizava-se por um perene diálogo com ideias e valores produzidos no resto da Europa – principalmente a ocidental.

Essa situação, porém, será drasticamente alterada a partir de 1795, quando a Terceira Partilha acabará por tornar os poloneses estrangeiros em seus próprios (antigos) territórios, sendo submetidos às leis dos impérios prussiano, austríaco e russo. Tal situação inaugura uma tendência *centrípeta* em toda a cultura polonesa, que recebe ainda maior estímulo com a grande onda romântica que varre a Europa durante a primeira metade do século XIX. Inicia-se aí um período fecundo de produção de obras em que a pátria polonesa equivalerá sobretudo a um território cultural e linguístico, ao qual urge transformar em um território geográfico que reconstrua aquele já ocupado no passado.

Assim, o século XIX vai encontrar, no território cultural polonês, obras cujo foco está em preservar, transmitir e exaltar os valores da “polonidade”, em contraposição aos das potências invasoras. Evidentemente, a produção e a divulgação destas obras serão tanto mais forte quanto maiores forem as populações polonesas letradas – seu público-alvo – e a repressão em que tais populações vivam. Como consequência indireta desse fenômeno, a aura cultural no território outrora polonês começa a ganhar novos contornos, exclusivistas e excludentes, que visavam a excluir, da participação no novo projeto nacionalista polonês, aquelas minorias étnicas que desde há muito habitavam o país, mas que agora passavam a ser vistas como obstáculo para a ressurreição da Polônia, posto que sua mera existência poderia ser encarada como um fator de desestabilização de uma unidade cultural que também visava a se tornar, cada vez mais, étnica.

Obviamente, logo se passa à ação, e, na prática, toda a história da Polônia no século XIX é pontuada pelos muitos levantes que buscavam restabelecer a nação independente que um dia a Polônia fora. Todos esses levantes tiveram, invariavelmente,

duas consequências: o fracasso militar e o acirramento das relações entre os poloneses e as diversas minorias que habitavam o território da Polônia histórica.

No entanto, a segunda metade do século XIX evidenciará ainda uma nova mudança no processo de resistência cultural polonesa: embora os levantes continuem a ocorrer com alguma periodicidade, a intelectualidade logo percebe que, mais do que por meio de uma improvável vitória militar, era no campo da cultura que a luta deveria ser travada. Porém, esses mesmos intelectuais logo constataram que o tripé preservação-transmissão-exaltação, tal como praticado pelos românticos, ameaçava reduzir a “condição polonesa” a um mero exercício de saudosismo. Era urgente, portanto, revitalizar a cultura nacional, torná-la pujante e mantê-la bem alinhada com a produção das potências de ocupação, desfazendo-se da condição periférica a que, em virtude das partilhas e a sequência de derrotas sofridas, se havia recolhido. Essa guinada na cultura polonesa estará refletida, obviamente, na literatura, em que a geração romântica dos “Três Bardos” (Mickiewicz, Krasiński e Słowacki) cede espaço a uma nova literatura, de corte realista, mas igualmente permeada de fortes doses do pensamento positivista e, essencialmente, representada por Bolesław Prus, Eliza Orzeszkowa e Henryk Sienkiewicz.

Essa nova geração perpetuará, obviamente, a luta pela questão nacional polonesa, mas sua resistência cultural, por outro lado, não deixará de tecer críticas àqueles pontos que considera “empecilhos” para o pleno desenvolvimento da cultura nacional: a excessiva religiosidade, que causava o atraso no desenvolvimento tecnológico e também pregava a submissão nacional; a hipocrisia das elites que, embora criticando as potências de ocupação, enriqueciam com elas; o conservadorismo das camadas médias, responsável pela manutenção de um *status quo* e de um cosmopolitismo abstrato, em que a cultura nacional se tornava cada vez mais subalterna.

E é no momento em que essa geração realista/positivista está em seu auge que o esperanto nasce e se desenvolve. É partindo deste ponto que o presente texto tratará da relação e diálogo que uma parte da intelectualidade polonesa constrói com o esperanto: uma relação na qual essa língua é usada como vetor para a divulgação de posicionamentos ideológicos acerca da identidade polonesa, e um diálogo em que todas essas se fazem à revelia – ou em evidente confronto – com o poder constituído.

A publicação da *Internacia Lingvo de Doktoro Esperanto* ocorre, como se sabe, em Varsóvia, no ano de 1887. O autor do projeto, o oftalmologista polonês Ludwik Zamenhof, empenha-se desde cedo em divulgar seu trabalho e em angariar o apoio de pessoas que pudessem, de alguma forma, catapultar o interesse geral. Um dos primeiros a aderirem à causa esperantista foi o engenheiro químico Antoni Grabowski. Embora renomado em

sua área de atuação, Grabowski era também conhecido por ser exímio poliglota e amante da Literatura, tendo atuado como poeta, prosista e também como tradutor, pois já em 1888 ele publica as primeiras traduções literárias para o esperanto: poemas de Pushkin (Tempestade de Neve) e de Goethe (Os irmãos). Cabe-nos então perguntar: a seleção de obras dos dois maiores poetas nas línguas dos “impérios invasores” seria uma forma de mostrar uma “neutra lealdade” do esperanto frente à condição da Polônia, ou seria uma tática de distração, que visava sobretudo fazer com que os respectivos governos vissem o esperanto como algo inofensivo?

A resposta parece ficar clara na sua obra seguinte, *El Parnaso de la Popoloj*. Publicada em 1913, a obra traz 116 poemas traduzidos de 30 línguas, acrescidos de seis poemas originais de Grabowski. Sintomático, porém, é o fato de que 40 desses poemas tenham sido traduzidos do polonês. Mesmo que se possa objetar que a maioria dos poemas venha do polonês porque, afinal, essa era a língua de Grabowski, o fato de que, entre os demais poemas, existam alguns traduzidos de outras línguas faladas dentro do antigo território polonês trai-lhe a intenção, qual seja: a de mostrar que, em nítido contraste com a situação de um Estado polonês independente, que então não existia, a cultura polonesa ainda era pulsante e pujante.

Além dessas obras, ao longo do período entre 1888-1913, Grabowski publica trechos traduzidos de *Pan Tadeusz* (*Sinjoro Tadeo*), obra de Mickiewicz que se tornaria um símbolo romântico da resistência polonesa. Penso ser perfeitamente crível que essa publicação por partes tenha se dado como forma de não chamar a atenção das autoridades czaristas para a intensidade da propaganda pró-Polônia que, já então, se realizava dentro do movimento esperantista. Não é fortuito o fato de que a obra completa será publicada em 1918, ano em que, com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Polônia recupera sua independência.

Mas o período entre 1888-1918 não se resume a Grabowski: outros tradutores, e também autores, das mais variadas nacionalidades, seguirão a mesma tendência de usar o esperanto como veículo para sua cultura nacional. Entre os poloneses, até pelo volume de sua atividade tradutória, destaca-se Kazimierz Bein, conhecido como *Kabe*, o qual, em um período um tanto menor que o de Grabowski (1894-1911), verte para o esperanto onze obras da literatura polonesa, todas de relativa extensão. São elas *La Faraono*, de Bolesław Prus; *La Interrompita Kanto*, *Legendo*, e *Bona Sinjorino*, de Eliza Orzeszkowa¹; *La Lasta* e *La Fumejo de l' Opio* de Władysław Reymont (ganhador do Nobel de Literatura de

¹ Uma outra obra de Orzeszkowa, *Marta*, foi vertida para o esperanto pelo próprio Zamenhof.

1924); *Fundo de l' Mizero* de Waclaw Sieroszewski (que se tornaria senador durante a II República Polonesa); *Mia Pošhorloĝo* de Maria Konopnicka; *La Juĝo (Letero de mortinto)* de J. Kaliszewski; além de uma *Pola Antologio*, publicada em 1906 pela editora francesa *Hachette*².

Se as traduções de Kabe deixam patente uma verdadeira adesão programática a autores da escola realista-positivista, elas tampouco a isso se resumem: temos aí duas autoras - Orzeszkowa e Konopnicka - engajadas na denúncia da condição feminina na sociedade polonesa, mesmo sob o domínio estrangeiro; temos autores, Prus e Kaliszewski, que denunciam o poder czarista; e temos ainda autores, Reymont e Sieroszewski, que, além de fazerem a denúncia da condição nacional, já pensavam a futura Polônia independente, mesmo no período anterior à Primeira Guerra.

Enfim, fica patente que, sob a capa de uma atividade tradutória que visava à divulgação do esperanto entre os poloneses e da literatura polonesa entre esperantistas do exterior, havia uma estratégia de, através dos textos selecionados, divulgarem-se retratos que mostravam a sociedade polonesa sob a ocupação estrangeira, mas que, nem por isso, deixavam de tecer críticas a essa sociedade – e também aos valores que ela compartilhava com os leitores (esperantistas) no exterior.

Mas não só de atividades tradutórias se reveste esse período. Merece menção o fato de que, já em 1896, o jornalista Józef Waśniewski, um dos pioneiros do esperanto, escreve, já inteiramente nessa língua, o conto *En la brikejo*, no qual, através da descrição das atividades de uma olaria, há tanto a denúncia da condição social dos trabalhadores quanto a representação metafórica da condição nacional da Polônia.

No cômputo geral, o que se percebe, analisando-se o conjunto das traduções realizadas no período anterior à independência polonesa, é um empenho sistemático dos esperantistas em verter para sua língua adotiva não exatamente as grandes obras dos mais renomados autores poloneses, mas aquelas que pudessem revigorar a luta pela causa maior da independência e reunificação do país.

Vencida essa etapa, a literatura polonesa do período entre-guerras entrará em nova fase, na qual novas dicotomias se fazem presentes, e das quais será necessário falar, pois a nova realidade nacional logo evidencia as diferenças econômicas, culturais, sociais etc, causadas pelos 123 anos de “inexistência” da Polônia enquanto nação. Todavia, ao mesmo tempo em que, a partir e apesar dessas diferenças, havia uma nova nação a ser reconstruída; ficava também evidente que toda a literatura anterior a 1918 subitamente

² Kabe também publicou traduções do russo (Turgueniev e Tchirikov) e do alemão (Irmãos Grimm), mas que estão fora do recorte deste trabalho.

envelhecera, não só porque a razão principal de sua existência fora alcançada, mas também e principalmente porque, nesse momento, toda a literatura europeia sucumbe ante o maremoto das novas vanguardas estéticas que, apesar de surgidas na virada do século, somente com o fim da guerra e dos impérios centrais puderam alcançar a Europa Oriental. Contudo, ao fazê-lo, essas mesmas vanguardas ali despontaram com inopinada intensidade, e estabeleceram toda uma nova geração de poetas e escritores, que tinha em mente novos objetivos.

Paralelamente, a produção literária em esperanto também buscará novos rumos, motivada tanto pelo falecimento da maioria dos pioneiros quanto pelo surgimento, após a guerra, de uma nova geração de autores, mais interessada em produzir obras originais do que em apresentar novas versões em esperanto de autores e obras consagradas das diversas literaturas nacionais. Na cena esperantista polonesa, essa renovação se traduz pelos nomes de Jean Forge (pseudônimo de Jan Fethke), Leo Belmont, Izrael Lejzerowicz, Stanisław Karołczyk, Jakub Szapiro e outros.

Em virtude desse novo foco, poder-se-ia pensar que o ímpeto pelas traduções sofre um arrefecimento. E se, de fato, não foi possível encontrar traduções literárias do polonês ao esperanto produzidas nos anos 20, responder a essa questão, no entanto, demandaria consultar um volume de dados a que não posso, no momento, ter acesso³. Contudo, uma simples consulta à lista dos títulos traduzidos nesse período evidencia um fato mais importante que a simples volumetria de títulos, e das respectivas tiragens, traduzidos no período entreguerras: há, claramente, um divórcio entre a produção literária polonesa daquele momento e a escolha dos títulos a serem vertidos para o esperanto; pois é nítida a preferência por autores e obras que ora pertencem claramente ao período anterior, ora se identificam com a estética do pré-guerra.

Tal é o caso de duas traduções - de obras de Henryk Sienkiewicz: *Quo vadis?*, feita por Lidia Zamenhof e publicada em 1933; e *W pustyni i w puszczy*, escrita em 1912, vertida nos anos 30 por Mieczysław Sygnarski, e publicada apenas em 1978, com o título *Tra dezerto kaj praarbaro*.

Obviamente, uma vez que Sienkiewicz conquistou o Nobel de Literatura, a versão de suas obras estaria revestida também de um componente mercadológico; mas isso não impede que, além das de Sienkiewicz, outros autores do período passado também tenham sido traduzidos. Há, no entanto, duas exceções dignas de menção: as obras

³ Obviamente, refiro-me a traduções completas de obras literárias publicadas em livro, pois é certo que obras de menor extensão, de autores poloneses, foram publicadas nas diversas revistas literárias esperantistas, dentro e fora do país, nesse período.

Antaŭprintempo, de Stefan Żeromski, vertida por Tomasz Chmielik (2018) e *La Balo en Opero*, longo poema satírico de Julian Tuwim, publicado originalmente em 1936 e vertido por Lidia Ligeza (2013).

A nítida preferência por autores da geração anterior inaugura, nas versões em esperanto da literatura polonesa, um descompasso que ainda se mantém, como é demonstrado pelos dois últimos exemplos: além da presença de nomes que compõem seu cânone, haverá sempre uma clara preferência por autores do passado. Tal preferência é motivada, tanto por se tratarem de autores já reconhecidos pelo grande público, inclusive o do exterior, quanto pelo fato de que, muitas vezes, seus textos já se encontram em domínio público. Isso explica, por exemplo, a publicação, bem mais recente, de uma coletânea como *Ok noveloj*, que traz novas traduções de autores “clássicos”, como Konopnicka, Orzeszkowa, Prus, Reymont, Rzewuski, Schulz, Sienkiewicz e Żeromski.

O início da Segunda Guerra Mundial leva à paralisação das atividades esperantistas não só no país, mas em praticamente toda a Europa; e, após a guerra, a entrada do país na órbita soviética vai novamente operar uma mudança na linha das traduções em esperanto ali realizadas. Esse momento, no entanto, pode ser dividido em, no mínimo, três fases.

Na primeira, que podemos considerar, grosseiramente, como indo até 1959; praticamente não há qualquer atividade esperantista: o movimento está interessado primeiramente em sua reconstrução, apesar da má disposição do novo governo que, seguindo as diretrizes estalinistas, era contrária ao esperanto. Nesse momento, pode-se afirmar que não havia espaço, nem segurança, para qualquer trabalho editorial com o esperanto no país.

A situação começa a mudar a partir de 1959, quando ocorre, em Varsóvia, a celebração do centenário do nascimento de Zamenhof. Há uma percepção de que o esperanto pode ser uma ferramenta de divulgação da Polônia não só entre os demais países do Pacto de Varsóvia, mas também entre as nações do Ocidente. Inicia-se, por isso, um processo em que o esperanto passa a ser aceito, e também tutelado e vigiado, pelos governos de então. Isso suscita o seguinte questionamento: qual foi a atuação dos esperantistas durante esse período, e como conviveram com essa “vigilância”?

Uma análise, mesmo superficial, das obras traduzidas nesse período deixam entrever uma certa preferência por autores cuja produção foi interrompida pela Segunda Guerra Mundial. Autores cujas obras se referem, por conseguinte, ao período *anterior* ao regime comunista, como o poeta e dramaturgo Józef Czechowicz, cujo poemário *Mi pafos min kaj mortos kiel mil* já pressente a catástrofe da guerra e esclarece porque o autor, sendo homossexual, prefere suicidar-se, em 1939, a enfrentar o horror do regime

nazista. Há também a tradução dos *Epigramas* do Jan Izydor Sztaudynger, cuja verve humorística o tornava uma unanimidade nacional. Num contexto mais ameno, publica-se também *La aventuroj de Kajêjo*, de Maria Kownacka, contos escritos em 1948 e que mostram uma análise do mundo sob a perspectiva de uma cegonha.

Porém, em se tratando de unanimidades nacionais, a obra do pensador e pedagogo Janusz Korczak será traduzida (por partes) ao longo dos governos comunistas e subsequentes. Diversos de seus títulos, como *Reguloj de vivo*, *Reĝo Maĉjo la Unua*, *Kiel ami infanon* e *La rajto de infano pri estimo*. Além dessas, duas outras obras que têm Korczak como tema serão vertidas para o esperanto: *Interparolo en la frukt-ĝardeno la 5-an de aŭgusto*, de Igor Newerly, e *Pri Janusz Korczak flustre*, de Maria Bronikowska.

Por outro lado, traumatizados não só pela guerra, mas pela perseguição particular que lhes foi movida por Hitler – em especial pelo quase total extermínio da família Zamenhof – uma das primeiras obras a ser traduzidas e publicadas é *Medalionoj* (1946) de Zofia Nałkowska, que denuncia os crimes nazistas contra o povo polonês.

Os exemplos acima demonstram que há um posicionamento claro: a escolha de autores “de consenso”, isto é, aqueles que não levantariam discussões de caráter político-ideológico, seja quanto ao valor e à popularidade de sua obra, seja quanto ao mérito de seu conteúdo. Mas podemos nos perguntar se não haveria, também, obras de defesa do regime pós-1945?

Até onde pude investigar, há um traço comum entre os autores mais próximos ao regime: apesar de serem seus representantes, esses autores traziam, sempre, pelo menos um traço dissonante. Tal seria, por exemplo, o caso de Konstanty Ildefons Gałczyński, falecido em 1953, autor de *Ensorĉigita droŝko (Zaczarowana dorożka)*, cujo conjunto da obra sempre se moveu numa zona cinzenta entre o engajamento e a dissidência política; o mesmo se dá com Jarosław Iwaszkiewicz, autor de *La kvarteto de Mendelssohn kaj aliaj rakontoj*. Iwaszkiewicz era um engajado socialista, porém, ainda que não fosse um dissidente, era quase sempre crítico ao governo da Polônia.

Há ainda Tadeusz Różewicz (*Formoj de vizaĝo*), que chega a ser considerado um símbolo da identidade polonesa do pós-guerra, mas que sobrepunha os valores éticos e humanos aos político-partidários. Por fim, Anna Świrszczyńska, cujo conjunto da obra evidencia que, mesmo defendendo o regime, não deixava de apontar suas falhas no tocante à forma como lidava com a questão feminina. Uma coletânea de seus poemas, *Mi estas nur virino*, foi publicada em esperanto em 2000.

Vê-se portanto uma estratégia dicotômica: os autores que os esperantistas poloneses decidem divulgar além de suas fronteiras ora são: a) autores cujas obras não

tratam da situação política do país, por serem *anteriores* ao regime socialista; ou, b) autores que, mesmo favoráveis ao regime, apresentam algum ponto no qual estão em desacordo com o mesmo. Evidentemente, trato apenas das obras traduzidas e publicadas em livro; sabe-se que nas revistas, jornais e periódicos das associações esperantistas havia a constante presença de textos laudatórios e propagandísticos, seja do regime, seus aliados e de membros do governo, seja do próprio ideal socialista.

Essa situação durará, pelo menos, até 1979, quando as agitações sociais promovidas por instituições independentes do governo - como a Igreja Católica, que retorna à cena política, liderada agora pelo polonês João Paulo II; ou como o sindicato independente *Solidariedade*, fundado em Gdansk em 1980 - levarão a uma nova configuração do movimento esperantista e, conseqüentemente, da produção editorial local, com óbvios reflexos nas obras traduzidas.

Um dos primeiros sinais dessa reconfiguração está no surgimento da revista literária *La Epoko*. Ao longo de diversos números, a revista publicará textos de autores decididamente engajados contra o regime: além de um número, escrito por Alicja Szlązakova, inteiramente dedicado à memória de Janusz Korczak – sobre quem já se criava a aura de “resistente à opressão” - no caso a nazista, que poderia ser bem transferida aos governos pró-soviéticos -, a revista trará um número coletivo com textos sobre o *Solidariedade*; além de outro número, agora escrito por Adam Michnik, com o ensaio *Kial mi ne voĉdonos por Wałęsa?*.

A variedade e diversidade desses textos mostra como, em relação ao período anterior, a tendência de tradução das obras havia mudado: o que se fazia agora não era mais explorar autores do passado ou de duvidoso engajamento na política governamental, mas privilegiar aqueles que eram clara oposição ao regime. Esse fato fica ainda mais evidente com a publicação, na mesma *La Epoko*, das obras *La komenco*, *Nokto tago kaj nokto* e *La aŭtoportreto kun virino*, ambas de Andrzej Szczypiorski, considerado o mentor intelectual do *Solidariedade*. Há ainda, escrita por Grzegorz Waligóra, a biografia política de Adam Pleśnar, *Kvardek jaroj en opozicio/40 lat w opozycji*, nome que assumiu forte expressão como símbolo de uma longa resistência ao regime socialista.

Além do âmbito político, há ainda uma nova vertente de textos poloneses sendo traduzidos para o esperanto: motivados pelo reavivamento da fé católica, causados pela eleição de um papa polonês e pela decisiva atuação da Igreja na oposição, uma série de autores com sólido engajamento religioso serão publicados nesse momento: desde Stanisław Leon Machowiak, autor de um verdadeiro hinário católico (*En skribita lumo/Światło zapisane*), passando por *Sur misiista barko*, de Jan Pałyga, narrativa de sua vivência

como missionário católico na Amazônia dos anos 70, até uma grande variedade de obras de Leszek Łęgowski: *Dum estas preskaŭ vespere...*, *La aŭtunaj folioj el Międzygórze*; *Salutoj el Kudova Zdrój*, *Valoras vivi* e *Venu antaŭ la Madonon*.

Fica evidente que, nesse momento, mais que uma leva de livros de caráter religioso e de liberalização política, o que se tem vertido são livros que refletem a forte reação antissocialista que permeara a sociedade polonesa e que, agora, a conduzia de um extremo a outro, ou seja, da rigidez do realismo socialista e demais congêneres à rigidez do pensamento católico ultraconservador, representado por uma Igreja que se fazia, ela também, cada vez mais conservadora.

Tal tendência parece ser ainda predominante, ao menos no que diz respeito à seleção de obras polonesas traduzidas para o esperanto. Contudo, a partir dos anos 2000, o que se percebe é o surgimento de uma nova vertente: a da tradução de livros de caráter infantil e infanto-juvenil.

Essa nova tendência se soma à da permanência de obras de autores marginalizados pelo regime socialista, como Wiesław Kazanecki, cuja obra vem sendo redescoberta em seu país e cuja coletânea *Mi venis por diri al vi ĉiujn ĉi vortojn* mostra, nos versos selecionados, tratar-se de um autor sobretudo apolítico, embora venha sendo vendido como crítico ao regime. Ou, ainda, a de se traduzir autores destacados internacionalmente, mas que eram, paralelamente, vistos, ao menos, como ambíguos em relação ao regime anterior. Tal é o caso de Wisława Szymborska, vencedora do Nobel de Literatura em 1996, da qual também se publicou a coletânea *Mi inventas la mondon/Obmyślam świat*, sobre quem sempre pairou a acusação de, na juventude, ter escrito poemas em que homenageava a figura de Stálin e de outros representantes do regime – fato, aliás, comum a todos os escritores de sua geração, uma vez que as manifestações de fidelidade ao regime se constituíam num verdadeiro “passaporte” para o ingresso no mundo literário.

Concluindo, podemos dizer que, como toda arte, a literária tem como uma de suas funções mais vigorosas a da denúncia daquilo a que o artista considera estar errado. No caso específico da literatura polonesa, parece ficar evidente que ela, ao longo dos últimos séculos, tomou para si a tarefa de, mais que ser veículo de uma cultura, construir uma visão de nação. Essa visão será modificada ao sabor das circunstâncias históricas vividas pelo país ao longo do final do século XIX e princípios do XXI, mas o diálogo subterrâneo entre uma literatura polonesa (de viés quase sempre oposicionista) e o esperanto, língua que lhe serve de veículo para a divulgação além-fronteiras tem se mantido incólume.

REFERÊNCIAS:

AULD, William (org.). *Nova Esperanta Krestomatio*. Rotterdam: Universala Esperanto-Asocio, 1991.

KÖKÉNY, L; BLEIER, V (orgs.). *Enciklopedio de Esperanto*. Budapeste: Literatura Mondo, 1933.

MINNAJA, Carlo; SILFER, Giorgio. *Historio de la Esperanta Literaturo*. La-Chaux-de-Fonds: Kooperativo de Literatura Foiro. 2015.

SIEWIERSKI, Henryk. *História da Literatura Polonesa*. Brasília: EdUNB, 2000.

WAŚNIEWSKI, Józef. “En la brikejo”. In: AULD, William (org.). *Nova Esperanta Krestomatio*. Rotterdam: Universala Esperanto-Asocio, 1991.